

Silvana Gomes dos Santos, 42

Com marido, quatro filhos e trabalhando como faxineira na cidade de Londrina (Estado do Paraná), levava uma vida normal e perseguia

sonhos bem simples: educar meus filhos e ter uma casa própria com alguns eletrodomésticos. Mas em novembro de 1994, meu marido, um ex-usuário de drogas injetáveis, foi diagnosticado como HIV positivo.

Descobrimos que eu também havia sido infectada - por causa das nossas relações sexuais - e que a aids tinha sido a causa da morte do nosso filho mais novo, em 1992. Meu marido faleceu em maio de 1995, e isso me deixou com muito medo, pois os médicos não me deram mais que um ano de vida.

Em 1996, continuava trabalhando como faxineira. Mas meu salário era insuficiente para adquirir os coquetéis de tratamento, e tive que vender 500 pizzas para comprar meu primeiro vidro de remédios. Recebia assistência da ONG ALIA (Associação Londrinense Interdisciplinar de Aids) e, conhecendo outras pessoas com HIV, percebi que o princípio constitucional de que “a saúde é direito do cidadão e dever do Estado” não estava sendo respeitado.



HIV +



NAÇÕES UNIDAS

Escritório contra Drogas e Crime

Organizamos passeatas para exigir a compra de medicamentos para os portadores de HIV da cidade. Mas ao revelar minha soropositividade e me tornar mais conhecida na cidade, sofri com o preconceito e experimentei uma espécie de “morte social”: perdi meu emprego e muitas pessoas que considerava amigos se afastaram. Nos ônibus coletivos, ninguém sentava perto de mim.

Foi então que decidi fundar a REAGIR, uma ONG para ajudar os soropositivos de Londrina e fazer com que essas pessoas deixassem de ser um problema para se tornar parte da solução. Até então, estávamos nos escondendo para viver, e era preciso mudar essa realidade. Com ações de ativismo, geração de renda e liderança social, demonstramos que os soropositivos têm muito que viver, aprender e ensinar. Agora, a REAGIR faz parte da ALIA e, juntos, atendemos cerca de 2.800 pessoas em Londrina.

Reconstruí minha vida, conquistei novos amigos e readquiri o direito de andar com a cabeça erguida. Hoje, aos 42 anos, não tenho mais tempo para perder. Acordo cedo, tomo meu café e vou à luta. Não sofro com os efeitos dos medicamentos, mas com o preconceito que ainda existe em relação ao que eu represento. Mesmo assim, realizei meus sonhos: meus outros filhos estão criados e educados, tenho dois netos e uma casa própria com vários eletrodomésticos. Presido a ALIA e integro o Conselho Municipal de Saúde de Londrina. No ano passado, meu trabalho foi reconhecido pela primeira-dama do Brasil como uma referência nacional para as mulheres que vivem com o HIV.

Pensei que não viveria para ver tudo isso acontecer. Então, essa é a voz de quem luta por viver. É a uma voz que não quer se apagar.